

Adriana Meyer Gradin

Relações fusionais

Quando o amor entre pais e filhos transborda



Blucher

Relações fusionais

Quando o amor entre pais e filhos transborda

Adriana Meyer Gradin

Relações fusionais: quando o amor entre pais e filhos transborda

© 2025 Adriana Meyer Gradin

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Regiane da Silva Miyashiro

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Envato Elements / Flavia Bergamin

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Gradin, Adriana Meyer

Relações fusionais : quando o amor entre pais e filhos transborda / Adriana Meyer Gradin. – São Paulo : Blucher, 2025.

414 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord. Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2530-0 (impresso)

ISBN 978-85-212-2529-4 (eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2528-7 (eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. 3. Relações de objeto (Psicanálise). 4. Sujeito e objeto primário. 5. Relações fusionais. 6. Relações de pais e filhos. 7. Abandono traumático. I. Título. II. Ferraz, Flávio. III. Série.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio	15
Apresentação	19
Introdução	31
1. Relações fusionais na clínica psicanalítica	41
1.1 O nascimento psíquico e os extravios na separação-individuação	42
1.2 Margaret Mahler e o processo de separação-individuação entre mãe e bebê	44
1.3 O filho no seio da família	55
1.4 Vivências traumáticas e seus efeitos nas relações fusionais	60
1.5 A persistência da criança no adulto	72
2. A sedução silenciosa	77
2.1 Sigmund Freud, a sexualidade infantil e o conceito de represas psíquicas	77
2.2 O caso clínico Marla	93
2.3 Sándor Ferenczi e a tendência incestuosa	95
2.4 Caso clínico Douglas	100

2.5	As identificações narcísicas alienantes	108
2.6	Homens fusionados com suas mães	116
2.7	Um exemplo de fusão mãe-filha	121
3.	O terrorismo do sofrimento	127
3.1	Efeitos da vivência traumática nos casos de sedução silenciosa e <i>terrorismo do sofrimento</i>	135
3.2	Os conceitos de introjeção e incorporação	141
3.3	Fé, incredulidade e convicção: a obediência cega	145
3.4	As famílias claustrofílicas: a síndrome de Estocolmo e a síndrome de Stendhal	153
3.5	Caso clínico: Mark	160
3.6	Promessa ao amanhecer	165
4.	Filhos e filhas que <i>se agarram</i>	175
4.1	Imre Hermann: o instinto de apego e o instinto de <i>ir-em-busca</i>	176
4.2	Michael Balint: <i>Thrills and regressions</i>	187
4.3	Definições de Balint sobre ocnofílicos e filobatas	191
4.4	Caso clínico Sam	195
4.5	Trânsito entre ocnofilia e filobatismo	197
4.6	A angústia de separação	201
4.7	O apego e a noção de <i>soteria</i>	207
5.	As relações fusionais e o complexo de Édipo	217
5.1	O conceito de parricídio	218
5.2	O conceito de reconciliação ou reparação (<i>atonement</i>)	222
5.3	A fantasia de relação exclusiva e o incesto	226
5.4	Mãe e pai como entidades cindidas: a fantasia do inimigo e a fantasia do salvador	233
5.5	As ilusões edipianas	246
5.6	As saídas defensivas	251

6. Patologias da transicionalidade	259
6.1 A incapacidade de estar só	263
6.2 Os objetos e fenômenos transicionais	280
6.3 O exagero do uso do objeto transicional e o menino do cordão	289
6.4 As adições	294
6.5 Os extravios da função do objeto	304
7. Pensamento clínico	311
7.1 A dimensão do testemunho do analista	320
7.2 A figura do terceiro na psicanálise	332
7.3 O legado ferencziano para a clínica psicanalítica	340
7.4 Escutar com o terceiro ouvido	352
7.5 O processo de simbolização da história relacional fusional no “aqui e agora”	358
7.6 Uma terceira margem	370
Considerações finais	385
Referências	395

Prefácio

Sabemos o quanto a travessia da triangulação edipiana é fundamental na organização psíquica e como os quadros de adoecimento neurótico revelam dificuldades nessa trajetória, com a adoção inconsciente de “soluções infelizes”, como nas histerias, neuroses obsessivas e fobias.

Contudo, a situação se torna muito mais grave quando a entrada no drama edípico é obstruída ou essa passagem é atravancada já em seus começos. Isso normalmente decorre das questões emocionais do casal parental, especialmente da mãe, que abrem para o recém-nascido e para a criança pequena um campo inóspito em que não existe a condição de inclusão e de exclusão simultâneas e relativas, um território psíquico intersubjetivo e intrassubjetivo que é necessário desde o início da vida para garantir o direito às ligações e aos desligamentos.

Na ausência dessas condições, a morte ronda por todos os lados: a inclusão absoluta é mortífera e as separações absolutas são fatais, ao menos no plano das experiências emocionais. Correlativamente, não há espaço nesse território de exclusões e cisões nem

caminhos para o amadurecimento emocional e a conquista de alguma autonomia.

Boa parte da psicanálise pós-freudiana foi obrigada a se dedicar ao estudo e à condução de situações clínicas dessa natureza, vale dizer, ao estudo desses primórdios aziagos que marcam para a vida toda um impasse aparentemente sem saída: manter-se nas proximidades excessivas de um objeto primário mortífero é tão ameaçador quando dele se afastar. A violência predomina sempre nesses extravios do que poderia ser entendido como “pré-edípico” ou, conforme penso, nesses meandros do “Édipo precoce”. De toda forma, a configuração triangular plena do complexo de Édipo freudiano fica extremamente comprometida.

A passionalidade destrutiva dessas relações primárias é algo quase inconcebível para quem foi educado na “escola edipiana” em que impulsos e fantasias eróticas e agressivas puderam ser experimentadas e moduladas diante do casal parental, puderam ser em parte reprimidas, em parte renunciadas e suprimidas, em parte simbolizadas e sublimadas e, numa certa medida, integradas à vida emocional do sujeito. Os conflitos não são eliminados, certamente, mas a intensidade das ambivalências é moderada, permitindo uma relativa integração e unificação do psiquismo a partir do que foi chamado por Freud de “dissolução do complexo de Édipo”. Nada disso pode ocorrer quando o ingresso e a travessia do que estamos chamando de “escola edipiana” são impedidos pela força e violências das relações primordiais.

A tese de Adriana Gradin agora apresentada em forma de livro focaliza justamente essa configuração psíquica, a das relações entre o sujeito e seus objetos primários que representam a ameaça de morte pela fusão e a ameaça de morte pelos desligamentos e separações. São o que ela chama de relações fusionais.

O grande trabalho de Adriana no desenvolvimento de seu pensamento chama a atenção principalmente em dois aspectos: são impressionantes os muitos casos relatados, com enorme riqueza de detalhes, em que a passionalidade e as ambivalências selvagens de filhos, mães e pais tomam conta da mente do leitor – transbordam (para usar uma noção de Adriana) das páginas impressas para nossa leitura; o segundo aspecto a ser assinalado é a extensão e complexidade das referências teóricas e clínicas que Adriana pesquisa e a que recorre. Boa parte da literatura psicanalítica pós-freudiana que focaliza esses primórdios tão problemáticos, das mais diversas orientações e procedências, é revista e trabalhada neste livro, dando à questão das relações fusionais uma perspectiva de compreensão múltipla e plural.

Finalmente, há um terceiro aspecto a assinalar: a capacidade da autora de manejar todas essas referências – que correspondem aos diversos ângulos e dimensões da questão – de forma integrada. Isso, que está presente ao longo de todo o livro, se torna ainda mais evidente no último capítulo, em que se delineia um pensamento clínico multifacetado. No entanto, essa pluralidade de referências teóricas em momento nenhum encobre ou mascara a força dos relatos clínicos em suas intensidades afetivas, em seus impasses desesperados e destrutivos. Trata-se, sem sombra de dúvida, do resultado de uma pesquisa clínica e teórica das mais completas que podemos encontrar na literatura psicanalítica nacional e internacional e que se situa plenamente no campo da psicanálise que se faz hoje em dia no Brasil e no mundo. Sua contribuição ao nosso campo não pode ser ignorada, é imensa.

Essa presença forte de clínica e teorias é, acredito, uma marca registrada na produção de Adriana Gradin desde seu mestrado e em vários artigos que publicou; é, assim, um dos motivos de minha enorme satisfação em prefaciá-lo o presente livro.

Luís Claudio Figueiredo

Apresentação

O caminho a ser trilhado neste livro começou quando Douglas adentrou em meu consultório, com lágrimas nos olhos, para o início de sua análise.

A história de Douglas e sua mãe, Marina,¹ era a de uma relação fusional tão intensa, de uma ligação tão visceral, que esse emaranhado passional impedia que cada um deles pudesse construir uma vida emocional própria, que se apropriasse psiquicamente dos próprios desejos e da capacidade de pensar individualmente sobre seus afetos. Viviam como um só, indiscriminados, misturados, mas também desesperados e horrorizados com a proporção violenta que essa ligação ia tomando.

Quaisquer tentativas de separação e discriminação entre eles culminavam em brigas físicas violentas, e Douglas começou o processo analítico premido pelo sentimento de repulsa e horror que ele sentia com a verticalização da agressividade que passou a acontecer nesses conflitos.

1 Os nomes são fictícios e as circunstâncias que poderiam levar à identificação do paciente foram modificadas para cumprir a prerrogativa ética do sigilo.

Na primeira sessão, aos 23 anos, Douglas desabou em um choro prolongado e sofrido e disse que queria “colocar para fora as dores e os horrores que vinha carregando”, narrando sua história de violências domésticas e constantes brigas físicas com sua mãe, Marina, que tinha então 60 anos. Mostrou-me algumas marcas no braço e no pescoço, dizendo-me que eles haviam brigado há alguns dias e que ele precisava de ajuda para cortar o ciclo de brutalidade, “conseguir sair de casa e deixá-la”. Acrescentou que Marina vivia esbravejando que ele era “um caso perdido e um inútil” e que ele, por sua vez, sentia uma raiva incontrolável. Seus amigos não entendiam como ele aguentava conviver com a mãe, mas ele não conseguia se imaginar sem ela.

Douglas anunciava a mim, de forma desesperada, que seria árduo se separar da mãe, mas que era preciso viver sua vida. Por outro lado, deixava bem claro que a ideia de separação mal podia ser pensada, muito menos experimentada, sem que ele se deparasse com algo muito próximo da morte e do aniquilamento, com uma despersonalização quase insuportável. Marina inspirava um caos em que Douglas temia se perder.

Douglas contou-me que era sua mãe que o provocava muitas vezes, porque se irritava em vê-lo em casa sem trabalhar. Ele havia doado alguns de seus bens (cama, computador, roupas e aparelhos de som) depois que voltara da Índia para viver uma experiência de “renascimento”. No curso que fora fazer, ele sofreu demais e decidiu desistir antes do término, mas a mãe havia mudado desde então, dizendo que sabia que ele não conseguiria e que não aceitaria um vagabundo em casa. Douglas disse que achou muito estranho o exagero da mãe no dia de sua partida, pois parecia que a despedida tinha sido “insuportável” para ela, que agiu de uma forma “insana e irracional”, como se tivesse acabado o mundo, “fazendo um drama como se alguém tivesse morrido”. Ela gritava muito, segurava-o com força e implorava que ele não fosse. Em análise, ao se lembrar

da cena, que ele qualificou como “horrível”, Douglas ficou muito emotivo e assustado. Ele relatou que, desde a volta de tal retiro, as brigas físicas pioraram muito; e me pediu ajuda para entender a “tragédia” que estava acontecendo, porque ele estava se tornando uma pessoa de quem tinha vergonha, além de temer o que seria capaz de fazer. Falou-me sobre uma briga em que ele e a mãe começaram a se empurrar e ela o arremessara na grade de ferro da casa, apertando sua boca; por isso, em revide, ele apertara o pescoço dela para se libertar.

Estranhamente, seu tom não parecia ser de medo, mas de uma grande carga de erotismo e agressividade sem limites entre os dois, sobretudo porque vários detalhes indicavam uma relação tumultuada, com muita excitação envolvida e dificuldade de separação. Era como se, ao brigar, os dois virassem “um só” e a meta da luta fosse essa indiscriminação entre eles.

O caso exalava, assim, uma certa aura de incesto e morte. A ideia de fusão, que transmitia também muita tensão sexual, colocava em dúvida se era possível firmar um limite sem que isso gerasse uma ameaça mortífera. Nessa cena narrada por Douglas, o limite apareceu sob a forma de uma grade de ferro, que deteve a tensão e, ao mesmo tempo, trouxe o interdito, mas também o susto de ambos ao se verem separados e, ao mesmo tempo, muito próximos de algo estranho, intenso e enigmático que os ligava e envergonhava ao mesmo tempo.

Durante os seis primeiros meses de análise, as narrativas se concentravam em novas brigas, muitas delas bastante pesadas, com alta carga de hostilidade e confrontos entre os dois. Eram situações difíceis de serem escutadas, porque mesclavam à parte física certa dose de aniquilamento moral de Douglas. Ele sentia que sua mãe saía vitoriosa pois, ao final de cada conflito, ela dizia algo em tom categórico que o deixava “quebrado”, como: “Você não vai dar certo

nunca”, “Você vai ficar sozinho, porque ninguém te aguenta”, “Ninguém vai te contratar” e “Você é um monstro”.

Ele dizia que a briga só parecia real quando narrada em análise. Era como se contar a alguém trouxesse à luz a experiência emocional de Douglas de forma mais inteira, ou seja, aquilo que parecia irreal, surreal ou sem nenhum limite, ao ser contado para uma terceira pessoa, sofria a incidência de outro olhar, de outro enquadre e, assim, com a distância inserida, virava algo passível de contorno, reflexão ou até mesmo assombro.

No dia seguinte aos conflitos, Douglas recebia mensagens da mãe, que se dizia arrependida. Ele, em geral, aceitava o perdão dela ao ouvir que ela o amava “mais do que tudo no mundo”. Ele pedia desculpas também, mas ficava bastante intrigado com o fato de que ela o perdoava com muita facilidade. As brigas continuavam dias depois, sempre quando ele pedia dinheiro e ela dizia que não tinha. Quando o conflito se tornava “físico”, ela o ameaçava, dizendo que o denunciaria à polícia, mas nunca tinha coragem de fazê-lo. De certa forma, tal ameaça de denúncia já era a anunciação de um terceiro, desejado e temido.

Começamos a falar sobre o seu nascimento, que ocorreu quando sua mãe já tinha quase 40 anos. Douglas lembrou que vivia “grudado” nela o tempo todo, “como uma cola”, e que, depois da separação dos pais, “eram só os dois” e “era perfeito”. Recordou que viam desenhos animados e filmes no sofá “como se fossem dois namorados” e que passeavam na rua como “um casal feliz”. Ele se sentia grande e forte, como um protetor da mãe; porém, conforme crescia e tinha vontade de fazer coisas sozinho, a mãe se manifestava contrariamente de forma intensa. Ela tinha ciúmes e necessidade de controlá-lo, segundo dizia.

Douglas relatou que sua mãe tinha um irmão gêmeo, Caio, que morreu “louco e doente” aos 35 anos, de ataque cardíaco. Ela lhe

contava que seu irmão era lindo demais e que eles viviam sempre juntos, pois haviam sido criados por governantas e babás. Quando Caio tinha 22 anos (época coincidente com a morte da mãe deles), ele “começou a se envolver com drogas, foi diagnosticado como esquizofrênico, tomou choques e foi internado”. Marina dizia que Caio tinha ficado no mundo apenas de corpo presente, porque naquela época “a alma foi embora”.

Douglas lembrava perfeitamente da mãe narrando suas histórias de infância e me contou que sentia uma dor forte no peito quando as ouvia, porque se condoía do sofrimento dela. Marina não se recordava se, algum dia, a mãe dela a teria chamado por seu nome próprio. A avó de Douglas dizia: “Os gêmeos já almoçaram? Os gêmeos já tomaram banho? Está na hora de os gêmeos dormirem”. Douglas sentia muita pena da mãe ao ouvir tais histórias; ele sentia um pouco de raiva da avó materna e pensava em um modo de apagar a dor que a mãe vivera. Por outro lado, achava muito divertida a ideia ter um irmão gêmeo, alguém muito próximo, já que sempre sonhara em ter um irmão. Lembrou ainda de cenas contadas pela mãe em que ela e o irmão ficavam sentados na escadaria da casa, admirando a mãe de longe, enquanto eram dadas festas animadas, cheias de pessoas bonitas, no andar de baixo. Marina lhe dizia que a avó de Douglas era “a mais linda de todas” e que ela e o irmão, Caio, tinham combinado, nessa escada, que seriam uma “dupla para sempre”. Douglas não conheceu a avó, que morreu quando a mãe e o tio tinham 22 anos. Os pais de Douglas se casaram muito tempo depois, mas a união acabou quando ele ainda era muito pequeno.

O pai de Douglas aparecia pouco em seu relato, apesar de ambos sempre terem mantido contato, e talvez fosse esse o maior indicativo de que vigorava uma fantasia de unidade dual entre ele e a mãe, como se o pai tivesse conhecido Marina apenas para fazer o filho e deixá-lo com ela. Nitidamente, a ideia do “três” não era

possível, “um” não era desejável, dada a sua incompletude, e, por isso, só o “dois” era considerado perfeito.

Começou a ficar claro na análise que a mãe de Douglas reproduzia com ele a vontade de ser “uma dupla para sempre”, do mesmo modo que ela combinara com seu irmão, que morrera precocemente, deixando-a sem a sua “outra-metade”. Pelo relato de Douglas, ia se confirmando que Marina nunca se sentira vista e apreciada pela mãe como uma filha singular e com personalidade única, o que lhe trazia a sensação de desamparo constante. Ela se sentia abandonada e vivia sonhando em encontrar um homem que cuidasse dela, pois, desde que o irmão adoecera, sempre se sentira como se “faltasse um pedaço”. A mãe não conseguira atender às suas necessidades primitivas, porque ela sempre fora vista como um duplo do irmão, e dizia sentir-se “sem uma metade dela mesma”. Comparando o irmão gêmeo e o filho, Marina dizia a Douglas que, quando estava “de bem” com ele, sentia a mesma paz que vivia com Caio.

Douglas foi ocupando o lugar de substituto do irmão gêmeo da mãe e fazendo com ela “uma dupla para sempre”, por isso a simbiose aconteceu de forma tão profunda e eles passaram a viver um para outro, como partes complementares, como metades que só existem quando misturadas e presas uma à outra. Como reféns.

Nas sessões, ecoavam as perguntas: eles eram reféns de quem? Um do outro? Do passado de Marina? Do resgate do luto do irmão gêmeo falecido? O que parecia era que Douglas era a sombra de um morto. Douglas era o destinatário infeliz de uma trama que o antecederia.

Ao longo da análise, Douglas me mostrava marcas no pescoço e nos braços e contava, com vergonha e tristeza, que também tinha feito marcas nela. A relação entre eles se expressava como um emaranhado fusional em que não existiam dois indivíduos

discriminados, mas uma “colagem” caótica que gerava despersonalização, desespero e sofrimento para ambos.

Após o primeiro ano, começaram a aparecer alguns elementos frágeis de separação entre eles, e Douglas começou a associar o fato de ter namoradas muito mais velhas que ele ao vínculo “pesado” que tinha com a mãe. Ele fez a associação quando relatou que teve uma namorada dez anos mais velha, acrescentando: “Minha mãe morre de ciúmes de mim quando estou namorando uma mulher mais velha”. Ele começou a formular indagações profundas sobre o laço com Marina, dizendo que era algo “doente”, pois dominava a vida dele.

Em determinado momento da análise, Douglas começou a aparecer nas sessões vestido de uma forma diferente do usual, com casacos enormes e calças que lembravam pijamas. Pediu-me para ficar “encolhido” no divã e tivemos cinco sessões calmas e essencialmente tristes em sequência, nas quais ele falou da profunda solidão que sentia, da dificuldade em saber quem ele era e do que realmente gostava, “como se não tivesse uma identidade própria”.

No trabalho de escuta de Douglas, fui testemunhando o quão doloroso, intrincado e fatigante pode ser o entrelaçamento extremo de um filho com sua mãe, ao mesmo tempo que foram sendo mobilizadas diversas perguntas e emergiram vários enigmas sobre as questões intrapsíquicas dele e dela, já que sempre aparecia a impossibilidade de que eles pudessem se constituir de forma autônoma e independente. Era como se dividissem um psiquismo para dois, um corpo para dois, e sempre se sentissem incompletos e dependentes um do outro por terem se usado mutuamente como uma prótese narcísica.

Como analista, eu notava que qualquer pequena ruptura ou tentativa de afastamento entre eles era experimentada como sufocante e insustentável. Quando Douglas saía de casa por uns dias, a

mãe não aguentava; já quando ela viajava por um período, era ele que se sentia totalmente perdido. Era como se eles precisassem se enlaçar em um abraço mortífero que anulava a existência individual dos dois, dava a ilusão de felicidade e completude de serem um só, mas depois esse amálgama imprimia uma carga mortífera penosa e eles se sufocavam. Eles lutavam e se batiam para se separar, mas não havia consistência egoica para se sustentarem inteiros, um sem o outro.

No início, não havia “o verbo”. A relação entre Douglas e sua mãe ainda não tinha qualquer representação simbólica, muito menos alguma possibilidade de narrativa no que se refere às demandas inconscientes de Marina, preexistentes ao nascimento do filho, que veio ao mundo com a missão predeterminada de lhe fazer companhia, preencher seu vazio existencial, mas também de fazer com ela “uma dupla para sempre”, de modo a consolar o seu luto atinente à perda precoce do irmão gêmeo.

Ademais, e de forma ainda mais grave, precedia a chegada de Douglas também a demanda de aplacar a dor de Marina por não ter existido singularmente aos olhos de sua própria mãe, que a concebia emocionalmente apenas como um “duplo”, uma parte incompleta de um inteiro, já que “os gêmeos” eram vistos em seu caráter geral e não particular, e Marina intuía que não ter sido chamada por seu nome próprio era um indício de não ter sido objeto de desejo materno.

Parece que a viagem de Douglas à Índia em busca de um renascimento tocava nas questões inconscientes mais profundas de Marina, abrindo espaço a uma raiva incontrolável da mãe, que encobria um luto em aberto, uma dor que nunca parou de latejar.

O irmão Caio havia morrido e Marina colocara o filho no lugar do falecido, mas essa substituição se revelou bastante precária. No momento em que Douglas decidiu então viajar para longe para

“renascer” na Índia, ele estava, de alguma forma, morrendo simbolicamente para ela; mas ele voltou. Marina então reexperimentou certamente o trauma da perda e do retorno da perda, em um resto indigerível que insistia em se repetir. Por outro lado, ela sabia que o irmão tinha morrido havia muito tempo, levando com ele partes essenciais dela, e intuía que nunca mais se sentiria inteira. Por isso, restou a Douglas presenciar a cena incompreensível para ele, diante da carga emocional que lhe parecia desproporcional e exagerada em razão da sua partida.

No início, não havia apropriação de um lugar de sujeito. Em análise, Douglas se queixava de não ter uma identidade própria, o que o impedia de trabalhar, gostar de um ofício, amar alguém ou produzir algo autoral. De fato, ele não tivera a chance de se separar psicologicamente do ente materno, sendo o destinatário de um encargo que cumpria e seguia à risca, mesmo na vida adulta: a missão de ser para ela sempre um menino, um filho pequeno que não se afasta da mãe e que nela, e em mais ninguém, encontra sua fonte de vida, dando à sua genitora um lugar de existência narcísica, antes fraturado. Não havia ali ainda um sujeito, pois seu nascimento psíquico fora impedido.

O fim da análise de Douglas, de forma promissora, coincidiu com um momento no qual ele e a mãe passaram a morar em cidades diferentes e deu ensejo à busca de uma visão clínica na qual esses analisandos não sejam reduzidos à mera condição de *vítimas*, mas que possam ser alçados também a uma posição mais esperançosa de *sobreviventes* de um entrelaçamento complexo, em que há uma profusão de demandas intrapsíquicas do ente materno que se alia a demandas intrapsíquicas do filho quanto à manutenção de uma relação exclusiva e privilegiada.

O vínculo entre Douglas e Marina trouxe tantas indagações, enigmas e pensamentos clínicos inspiradores e, também, desafiadores que elegiu esse laço fusional como uma semente do trabalho

complexo que florescerá nos capítulos que seguem. A relação entre eles, assim como tantas outras com as quais nos deparamos na clínica, afigura-se eivada de afetos intensos, conscientes e inconscientes, de muitas emoções ambivalentes – um amor profundo convivendo com muita raiva e ódio, além de um desamparo imenso contraposto ao desejo de libertação de um vínculo adoecido –, sentimentos opostos, paradoxais, mas de intensidade tão expressiva que comprometem a vida psíquica desses indivíduos de modo considerável e que nos fazem pensar em como melhor escutá-los e manejar suas queixas e demandas em um processo de análise.

A partir da escuta desse caso clínico e do interesse no aprofundamento no tema, o presente livro tem por objetivo construir um pensamento teórico e clínico sobre as *relações fusionais ou simbióticas*, na tentativa de analisar como elas se configuram, quais as causas da impossibilidade de separação do amálgama mãe-bebê em determinados casos, bem como do emaranhamento emocional de genitores e filhos de outras idades; sem descuidar das decorrências patológicas da manutenção da fusão com pessoas que fazem a função de impedir o indivíduo de fazer contato com a ausência, com o vazio e com a separação que lhe permitiriam que se constituísse em termos de ego unitário.

Os desdobramentos do caso clínico de Douglas serão narrados adiante, com um enfoque sobre o processo de análise em casos de relações fusionais como uma saída esperançosa para a simbolização de dores primitivas, traumas precoces e questões conscientes e inconscientes da mãe e do filho, presentes nessa escuta. E, também, como uma via para a construção de uma vida psíquica mais independente e menos mortífera para ambos.

Tal abordagem se estenderá pelo processo de desenvolvimento pré-genital e edípico, pois também pretendemos fazer um percurso de modo a considerar os laços fusionais em períodos mais

avançados e suas repercussões na adolescência e na vida adulta dos analisandos.

Além dos extravios na trilha da individuação, cabe dar espaço ao estudo das saídas defensivas adotadas por tais sujeitos, vítimas e/ou sobreviventes de relações fusionais. Buscamos, assim, abordar detidamente tais pontos para formular um pensamento clínico sobre como melhor escutar, na clínica psicanalítica, os padecimentos decorrentes de tais relações fusionais, sob o ponto de vista da ética e da técnica psicanalítica.

Introdução

Estamos sempre à procura das nossas grandes crianças. Essas que começamos por ser e que se tornaram paulatinamente inacessíveis, como irreais e até proibidas.

Crianças que caducaram, partiram, tantas por ofensa, tantas apenas por esquecimento. Dizíamos que deixarmos de saber delas é pausar o presente e ensaiar erguer o futuro no amplo vazio.

A criança que não regressa é uma falta de saúde no tempo. Uma enfermidade que aguarda de qualquer maneira.

Valter Hugo Mãe, 2020, p. 21

O tema das relações fusionais ou simbióticas se revela frequente e pungente na clínica psicanalítica e, de algum modo, supera as barreiras do tempo e assume uma natureza atemporal, por tratar do humano em sua origem, em sua filiação, em seu nascimento, não apenas físico.

Contar a história clínica de tais indivíduos neste livro é, em parte, uma tentativa de falar de seu nascimento psíquico, da migração de tais indivíduos de um ponto de partida de certa indiferenciação e fusão com seus genitores rumo à conquista de alguma

diferenciação, discriminação e autonomia pela via da escuta; é ainda tratar da presença do analista como um terceiro elemento nesse emaranhado relacional, que deriva de vivências muito primitivas de simbiose.

De modo simplificado, o que nos ocorre é que tais indivíduos desempenharam papéis complementares aos de seus entes parentais e, nessas posições subjetivas, experimentaram vivências traumáticas. Trataremos de casos em que houve um enlace excessivo, muitas vezes experimentado como exclusivo ou extremado, de um filho ou filha com sua mãe ou pai, nos quais foram sendo mescladas questões intrapsíquicas de um e de outro de forma patológica, em uma tensão constante entre o aprisionamento e a emancipação.

Narraremos histórias de pais e mães que, por imperativos intrapsíquicos, lançaram o apelo de satisfação de suas demandas emocionais e psíquicas aos seus filhos ou filhas, que acabaram por cuidar de dores de uma vida adulta insatisfatória, infeliz ou solitária.

Genitores que fizeram com que seus filhos apenas pudessem se apropriar do mundo com a sua interveniência colonizadora, com uma intermediação de tal modo transbordante ou tirânica (ainda que inconscientemente), que acabou por prejudicar a constituição de uma identidade própria como condição essencial e fundante do psiquismo do filho.

Falaremos de pacientes adultos que chegam em análise após terem ocupado lugares sacrificantes no vínculo de filiação, funcionando ora como parceiro amoroso do genitor ou genitora, ora como companheiro de vida, cuidador ou conselheiro de uma mãe ou pai em estado de desamparo, desespero ou frustração em razão de sua história de vida adulta e de suas vivências traumáticas mais profundas.

A ocupação indevida de tais lugares pelos filhos gerou, assim, um considerável estado de privação, que se consolidou ao longo do

tempo como abandono traumático; contudo, tal posição sempre esteve encoberta por um manto de positividade, nobreza e devoção em razão da experimentação de um vínculo supostamente especial, privilegiado e exclusivo.

Como conceber a noção de apropriação subjetiva nesses casos? Parece que a tarefa de se individuar, apropriar-se de si mesmo, árdua para cada um de nós, não pôde prosperar nesses casos particulares em que se travou uma luta incessante, porém silenciosa e silenciada, entre o âmbito amoroso e o mortífero. Tais indivíduos, enredados na trama da história dos seus genitores, acabaram vinculados a dívidas impagáveis e a reparações de histórias que lhes antecederam, sejam perdas mal elaboradas e lutos não trabalhados, sejam desilusões amorosas que não cessaram de incomodar seus genitores.

A depender do enredo aprisionante tecido pela mãe ou pelo pai ou da ameaça que eles exteriorizaram, muitos desses filhos ficaram impossibilitados de desconsiderar tal clamor de atenção, dependência, simbiose e submissão. Foi penoso ou impossível desejar algo diferente do familiar, desejar crescer e andar com as próprias pernas sem carregar uma culpa insuportável.

Nesses casos, aquele que deveria se retirar insistiu em permanecer, em se enraizar tal qual uma trepadeira na vida psíquica do filho escolhido (e encolhido); aquele que deveria se afastar insistiu em tomar espaço, tomar posse da sua construção identitária, impedindo novas ramificações rumo a relações objetais exogâmicas.

Se, por um lado, muitos desses filhos mencionam o encantamento quanto à memória de ocupação desse lugar, de ser “tudo para um outro”, mãe ou pai, ainda que na fantasia, por outro lado, sentem que sua história pessoal foi invadida, seu território psíquico foi pilhado e surrupiado e não conseguem se sentir autores de um caminho desejante próprio.

São analisandos que viveram relações fusionais e nos procuram com sintomas marcados pela repetição e pela adesão compulsiva a substâncias e a pessoas e que podem se valer do processo de análise para se aproximar da simbolização daquilo que ocorreu e ocorre nos subterrâneos de tais vínculos, com vistas à apropriação subjetiva de suas experiências. Desse modo, pode vir a ser elaborada lentamente uma forma de substituição das ações diretas, compulsões, adições e manifestações em atos sintomáticos como saídas defensivas decorrentes dessas relações fusionais por processos representacionais de suas dores.

Freud já nos ensinara, desde 1926, que há mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que nos faz crer a noção do ato de nascer como um evento único e fundador. Nessa mesma trilha, dedicada ao tema da fusão mãe-bebê que marca o início de nossas vidas, McDougall (2000) trata da fantasia primitiva de que há um corpo para dois, um psiquismo para dois, imantados em uma unidade psíquica primordial indivisível.

A mãe, contudo, antes fusionada ao filho em termos ilusórios, deverá autorizar que o terceiro chegue, ingresse no circuito pulsional do bebê e exerça seu papel na constituição psíquica da criança, albergando o corte que gera estruturação, tanto por instituir a ausência da mãe e inaugurar um novo espaço psíquico quanto por afastar o gozo absoluto da mãe sobre o corpo e o psiquismo do filho.

Ocorre, porém, que alguns genitores, atendendo a demandas próprias e ocupando posições fálicas e/ou narcísicas, diante da constatação da falta e do vazio em suas vidas, recusam parte da realidade, e da castração, e seguem na ilusão de completude, podendo lançar sobre seus futuros filhos a demanda de tamponamento ou apagamento da falta, buscando compensações e mais compensações na relação com seus filhos.

A mãe que pode investir no filho como investiria em uma relação objetal fica apta a reconhecer as necessidades do bebê como um outro e não como um pedaço de si mesma. Todavia, se ela não tiver condições de ofertar ao bebê tal qualidade de investimento, haverá o predomínio do atendimento às suas demandas pessoais.

Freud (1905/2016b) nos ensinou também sobre o amor demandante dos filhos, irrestrito e sem medida, que requer exclusividade e não tem abertura para partilhas com outros, um amor que será necessariamente frustrado quando o bebê vai se dando conta da realidade, mas que irá favorecer, pouco a pouco, o desenvolvimento libidinal desse filho, permitindo-lhe sair da díade rumo ao encontro com a alteridade e com os terceiros em sua vida pessoal.

Dificuldades aparecerão nessa trilha, incluindo ações e reações à individuação e à separação, investimentos e contrainvestimentos, atividade e passividade, impulso e resistência. Será travada uma luta incessante entre estar fundido com o ente materno e discriminado dele, assumindo um contorno próprio, o que ilustra a ideia de que se desemaranhar dessa relação fusional pode trazer uma sensação de morte, de vazio e um estado confusional.

Como veremos, mãe e pai poderão auxiliar no caminho da separação ou atravancar o percurso com suas demandas narcísicas. Os pais aqui descritos, certamente, tiveram questões profundas pouco elaboradas no seu passado, formatando essa matriz demandante e inquisidora, segundo a qual os filhos devem recompensá-los e fazer reparações constantes em razão de tudo que já viveram ou dos sacrifícios por eles enfrentados.

Na escuta psicanalítica de pacientes adultos, tomamos ciência de caminhos sinuosos quanto à busca de autonomia ou até mesmo de relações simbióticas que perduram ao longo de toda a vida de indivíduos que, mesmo constituindo novas relações afetivas, estão vinculados ao pai ou à mãe em um laço fusional e indissolúvel que compromete suas relações futuras.

São analisandos que nos contam sobre a vivência de sucessivos fracassos em relações amorosas, sobre compulsões por parceiros sexuais em série para combater a sensação de vazio, sobre perversões, compulsões alimentares, adicções em sexo virtual, álcool e drogas, assim como nos formulam indagações sobre seus divórcios sucessivos ou relações que não se aprofundam, pois sentem que não conseguem sustentar compromissos ao longo do tempo.

Para inaugurar a reflexão sobre relações simbióticas ou fusio-nais, podemos pensar inicialmente na imagem dos primeiros passos de um bebê para falar dos acertos e desacertos que podem ocorrer nessa trilha, dos encontros e desencontros entre pais e filhos.

Cabe-nos abrir caminho para uma apreciação detalhada e va-garosa acerca das contraposições entre autonomia e simbiose.

Usando essa imagem metafórica, imaginemos uma mãe que acompanha seu filho de forma dedicada, frente a frente com ele, ensinando-o a andar sozinho. Seus gestos asseguram ao filho que ela está de braços abertos para ele, mas a mãe está suficientemente longe, permitindo que ele vivencie a experiência de não ser diretamente apoiado. Ela segue os movimentos do filho como se estivessem no mesmo compasso de uma dança, apesar de afastados por alguma distância. Quando ele se desequilibra, ela se inclina, dando a entender que poderia segurá-lo, de forma tão sutil que a criança não chega sequer a perceber que está andando sozinha. Além da caminhada no mesmo compasso, a mãe põe mais algo na cena: suas expressões de encorajamento e seu rosto materno, que expressa uma recompensa. O olhar da mãe convoca então o olhar fixo da criança, como se entre os dois olhares houvesse um elo tão firme que fizesse com que a criança deixasse de se fixar nas dificuldades do caminho. O filho sente-se, assim, apoiado em braços que não o estão efetivamente segurando e sustentado por esse cordão visual imaginário de apoio. Apesar de lutar para chegar apressadamente ao aconchego do abraço da mãe, ele dá uma prova de que pode

andar sozinho, e de que, ao mesmo tempo que precisa da mãe, também pode passar sem ela.¹

Sabemos, porém, que algumas mães enfrentam com intensa ambivalência o processo de locomoção de seus filhos e que, diante da percepção de que eles começam a se lançar na descoberta do mundo e se distanciar do lugar simbiótico que ocupavam na relação dual mãe-bebê, interrompem sua caminhada, abraçando-os precipitadamente ou carregando-os no colo em uma tentativa, muitas vezes inconsciente, de evitar o processo de autonomia.

Quando ocorrem conflitos no curso do processo de separação, há um declínio significativo no prazer da descoberta de rotas diferentes das familiares; quando há relutância da mãe em renunciar ao contato corporal com seu filho e ela não consegue impulsionar a criança a adotar um passo autônomo, falta ao filho, muitas vezes, capacidade e coragem de se emancipar e aparece, em tais casos, uma eclosão da angústia de separação que pode acompanhá-lo indefinidamente.

Por outro lado, há aquelas crianças que conseguem estabelecer um contato qualificado a distância com suas mães nos seus primeiros passos e se sentem aptas a seguir a caminhada, apoiando-se nesse “elo” entre os olhares, que se afigura autorizador, apoiador e, além disso, incentivador de novas trilhas rumo à individuação.

Usando a metáfora da mãe-pássaro, que impulsiona o passarinho a tomar uma atitude autônoma e voar, essa ideia fica bem explícita nos estudos de Margaret Mahler (1975/1993, p. 87) sobre o processo de separação-individuação da criança, que envolve diversas subfases e se desenrola lentamente. A autora defende que a disposição da mãe deve incluir a possibilidade de soltar o filho, mas também a de dar-lhe “um leve empurrão”, dando-lhe coragem de se

1 Metáfora decorrente de uma releitura da imagem escolhida por Kierkegaard (1846, p. 85, citado em Mahler, 1975/1993, p. 80).

tornar um ser independente. Para ela, esta é uma condição *sine qua non* para uma individuação saudável.

Na aquisição dos primeiros passos, que estamos invocando como um paradigma de várias outras conquistas e caminhadas no curso da vida do indivíduo, desde a mais tenra idade até a sua fase adulta, fica bem claro que a criança carrega a contradição de ser invadida por duas correntes distintas: a primeira é o impulso de se afastar e caminhar, mas também de ser seguida pela mãe e novamente carregada no colo; nesse caso, se a mãe não segue a criança ou não investe seu olhar nela, a expectativa cai no vazio. A segunda corrente é o sentimento do *infans* de que pode ser engolido pela mãe e, assim, perder a chance de explorar o mundo. Ele sente desejo e medo; o desejo de explorar o mundo e também de se unir ao objeto-mãe e o medo de se perder nessa unidade.

O que acontece, em termos psicopatológicos, quando a aquisição do “eu sou” acaba comprometida ou prejudicada pelo ambiente, que não consegue fazer a função de um entorno facilitador e se torna espaço patogênico? Quais as decorrências sintomáticas das variadas invasões, excessos, omissões e ataques do ambiente que circunda o indivíduo?

Nesta obra, empreende-se uma tentativa de garimpar subsídios teóricos sobre o tema e buscar apoio em autores da psicanálise para firmar um pensamento clínico quanto a tais padecimentos. Tal apreciação, iluminada e ilustrada por algumas vinhetas e casos clínicos, tem como elemento propulsor a tentativa de responder a questões clínicas, entre elas: qual deve ser a posição da analista diante de tais casos? Como conceber uma *ética do cuidado* que abranja os impasses decorrentes dessas relações distorcidas?

Os casos e vinhetas clínicas originam-se de duas fontes: de obras publicadas sobre o tema e da escuta proveniente do meu trabalho como psicanalista. Cada vinhetas em questão não é uma história clínica propriamente dita, nem o retrato fiel da análise

empreendida, mas apenas um fragmento que nos permite avançar no aprofundamento do tema das relações fusionais, com toda a cautela ética.

Alguns desses casos foram deixando mais vivo o meu interesse em estudar as relações fusionais com vagar e detalhamento, sobretudo porque o processo analítico nos coloca em confronto com duas demandas contraditórias: o pedido do analisando, implícito ou explícito, de que o ajudemos a se separar do ente fusional, mas, por outro lado, um empuxo da resistência a tal separação, que é vivida como um tipo de morte ou aniquilamento. A ideia racional de autonomia e emancipação permanece em constante antagonismo com os desejos inconscientes do filho de permanecer em uma relação privilegiada com o pai ou mãe, marcada pela exclusão de terceiros. Ou seja, o analisando nos anuncia, assim como fez Douglas, um pedido de separação do laço fusional, mas, por outro lado, ao longo do processo, produz dificuldades quase intransponíveis. Esse e outros casos clínicos nos colocarão face a face com as fantasias onipotentes que aparecem em tais vínculos, mas também com as dores e os horrores do aprisionamento.

Do ponto de vista da teoria, será importante iniciarmos um percurso específico, partindo dos ensinamentos de Sigmund Freud, e mencionar algumas noções metapsicológicas de Sándor Ferenczi, Michael Balint e Donald Winnicott, com especial enfoque na influência do adulto na constituição do psiquismo da criança.

Como exemplo de tais relações, podemos citar uma vinheta do caso de Cristine,² envolvida em uma relação fusional com a mãe e que, após um mês de casada, começa a sentir calafrios e muita angústia quando sai do trabalho, indo em direção à sua casa. Conta-me que, depois que “baixou a poeira” e que “colocou o último quadro na parede”, em vez de vibrar pela conquista da casa nova,

2 Nome fictício.

sentiu um “vazio de morte”. Começou a pensar que nunca mais se sentiria tão protegida como se sentia no abraço da mãe; que nunca mais alguém a olharia daquela forma que “faz tudo passar”. A mãe de Cristine continua viva e acessível, mas a queixa é a de que ela, sim, encontra-se inacessível para o marido. Fechada, esvaziada e triste, Cristine resolveu passar na casa da mãe todos os dias após o trabalho. E acrescenta: “eu sei que meu marido vai entender. Amor de mãe não tem igual”. Ela se sente, ao mesmo tempo, protegida e impotente; feliz sob o abrigo do “guarda-chuva” materno, mas anestesiada, pois já não sente certos prazeres e alegrias “em se molhar”, em experimentar intensidades amorosas em sua própria vida. Não deseja ser a dona de uma casa própria e diz que seria melhor não ter tantas responsabilidades adultas.

O que fazer quando há desencontros muito significativos nos primórdios da mutualidade e perturbações no contato com o outro? Como essas crianças podem encarar a tensão entre submeter-se ao outro e libertar-se dele, entre buscar o seu olhar de reconhecimento e instalar-se confortavelmente em contato consigo mesmos, afirmando a sua própria subjetividade e conquistando autonomia para viver uma vida potente e autoral?

Afastar-se de casa, do abrigo que pode virar um refúgio esterilizado, distanciar-se daquilo que é familiar, mas que pode sufocar e impedir o florescimento ou até mesmo a vivência de dores próprias ou paixões frustradas; deixar para trás o solo firme e conhecido e sustentar-se elevado e ereto: trata-se de um desafio, mas também de uma conquista.

Iniciemos, então, a nossa trilha teórico-clínica sobre as relações fusionais, com passos lentos e firmes por se tratar de um tema delicado, árido e difícil, o que faremos acompanhados de autores de inegável peso e genialidade para a construção de um solo metapsicológico rico e robusto que possa nos auxiliar na apreensão das questões mais complexas atinentes à escuta de tais casos.



Quais as decorrências sintomáticas de invasões, excessos, omissões e ataques dos entes cuidadores de um indivíduo no início de sua vida? O que ocorre quando os genitores não conseguem proporcionar um ambiente facilitador para a constituição psíquica do filho rumo à emancipação e ofertam um ambiente patogênico?

Neste livro, a autora se dedica ao tema das *relações fusionais* e dos extravios no processo de individuação-separação desses filhos, com o intuito de firmar um pensamento teórico-clínico quanto à escuta desses padecimentos. A partir de vinhetas e casos clínicos são explicitados os dilemas e a manifestação das saídas defensivas, como adições, compulsões e outros sintomas que derivam dessa vinculação distorcida entre pais e filhos.

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2530-0

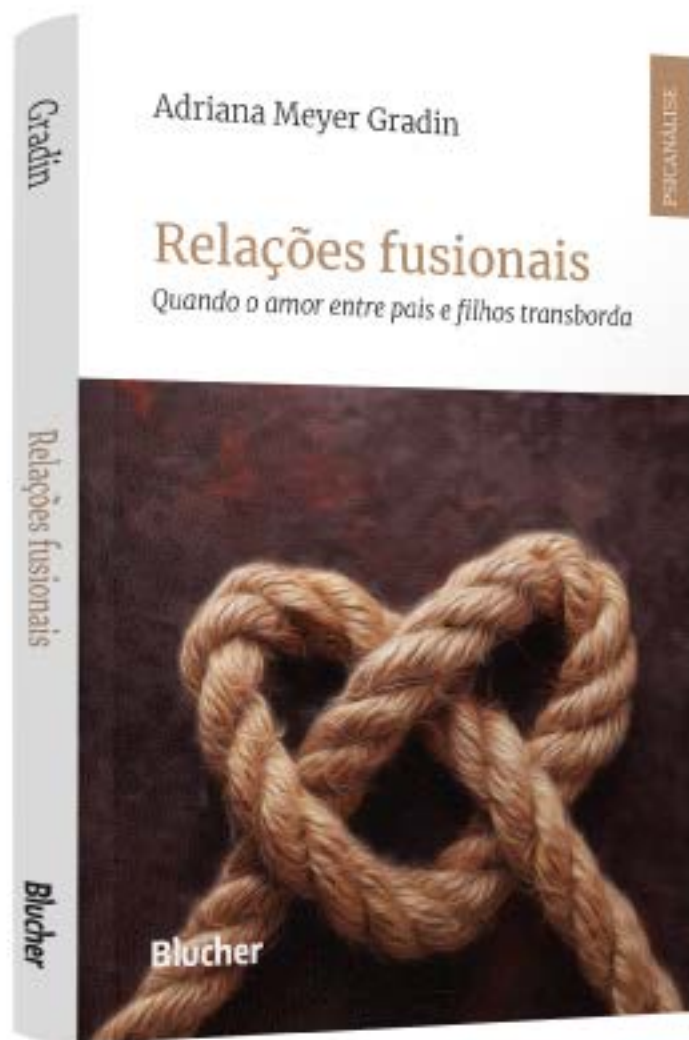


9 788521 225300



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Relações fusionais

Quando o amor entre pais e filhos transborda

Adriana Meyer Gradin

ISBN: 9788521225300

Páginas: 416

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
